

Sarney se queixa, mas SNI vela pela paz com Ulysses

Jorge Bastos Moreno

BRASÍLIA — O ministro-chefe do SNI, general Ivan de Souza Mendes, é um dos mais ciãos defensores das relações entre o presidente Sarney e o deputado Ulysses Guimarães. Mas, utilizando a maneira como Ulysses denomina essas relações, Sarney diz que tem se sentido como o namorado traído, por ser sempre o último a saber das coisas. Por exemplo: Sarney estranhou muito não ter sido procurado no final da convenção do PMDB, até porque o presidente e Ulysses se falaram pelo telefone durante a votação.

Sarney queixa-se de ter tomado conhecimento dos resultados através de terceiros e não pelo próprio Ulysses. Já o deputado costuma dizer que no último momento fica sempre ao lado do seu partido. No entanto, o relacionamento entre os dois deve permanecer estável até o fim do governo, e, de acordo com o general Ivan, a transição depende dele. "O PMDB tem vários grupos, mas nos momentos difíceis todos eles correm para debaixo das asas do doutor Ulysses", diz o general.

Aos que, dentro do PMDB, insistem em que ele deve romper com Sarney, Ulysses diz que não poderá fazê-lo. Primeiro, por não ter motivos, segundo, porque assinou um compromisso com a nação e se considera "fiador" tanto do que Sarney faz quanto do que deixa de fazer.

Em baixa — Essa relação oscilante está em baixa, já que um vive se queixando do outro. "Esse Ulysses...", diz Sarney, balançando as pernas, sempre que seu parceiro tenta pregar-lhe alguma peça. "Esse Sarney não é sopa", rebate Ulysses.

O presidente Sarney admite ter queixas de Ulysses, mas reconhece que ele, apesar de tudo, ajuda muito mais do que "certas pessoas". Um dos seus interlocutores diz que essas "certas pessoas" são os principais líderes do PFL que o indicaram para vice na chapa de Tancredo.

Sarney não está assistindo de camarote à briga dentro da Aliança Democrática: "Eu me preocupo muito porque eles brigam, já que quem paga as faturas sou eu", diz Sarney. O presidente ficou, "chateado" com Ulysses, mas, acima de tudo, ficou "magoado" com o PMDB. Dentro desse partido, ele não quer nem ouvir falar no nome do senador Affonso Camargo (PR), atualmente um dos principais líderes dos progressistas. Seus amigos não escondem que um dos principais defeitos do presidente é o ressentimento. O senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP), por exemplo, amarga até hoje as consequências de uma entrevista em que criticou o governo do qual era líder, às vésperas do Plano Cruzado.

"É gozado" — Fernando Henrique mandou um recado ao presidente Sarney, negando que então o tivesse comparado a um "touro cansado". "Manda ele desmentir diretamente aos jornais", retrucou o presidente. "Esse Fernando Henrique é gozado. Vem aqui, me trata bem e depois sai falando de mim. Qualquer dia faça com ele o mesmo que o doutor Ulysses fez com o João Cunha." Citava o antológico episódio entre Ulysses e o deputado João Cunha (PMDB-SP). Cunha costumava entrar no gabi-

nete de Ulysses aos gritos de "meu grande estadista". Na saída, chamava os jornalistas para criticar o presidente do PMDB. Deixou de fazê-lo quando recebeu um pedido de Ulysses: "Por favor, eu prefiro que você me xingue aqui dentro e me chame de estadista lá fora."

Já do líder Mário Covas, que, no dia sete de agosto, sobe ao palanque em Caruaru (PE) para pedir eleições em 88, Sarney diz reconhecer seu direito de discordar do governo.

Chega a declarar que não apenas o respeita, como o admira. Atualmente, o presidente não tem se referido sequer ao senador José Richa (PR), que já convidou para ser seu chefe do Gabinete Civil. Quando ele não fala no nome, é porque está profundamente ressentido, observa um auxiliar, que, no entanto, desconhece os motivos de Sarney, embora assegure: "Ele gosta tanto do Richa que daqui a uns dias esquece tudo."

Reforma — Dos ministros do PMDB, ao contrário do que se diz, Sarney não quer as cabeças dos mais ligados a Ulysses. Ele diz que até gosta de Raphael de Almeida Magalhães (Previdência) e de Renato Archer (Ciência e Tecnologia), seu conterrâneo do Maranhão. Sarney admite porém que, com a promulgação da nova Constituição, terá que fazer um novo ajuste em sua equipe de governo, e não será porque tenha antipatias com ministros do PMDB ou PFL. Será a terceira e, talvez, última reforma ministerial de seu governo. E aí o critério de saída e de entrada será determinado pelo que tiver recebido na Constituinte.

Dos governadores, os namoros mais recentes de Sarney são com Álvaro Dias (PR) e Henrique Santillo (GO), com quem inclusive almoçou na sexta-feira, quebrando um recorde da semana: o almoço demorou quase três horas e o presidente chegou atrasado ao palácio, bom humor, numa semana em que havia sido dominado pelos aborrecimentos da convenção do PMDB. Sarney está, a contragosto, se distanciando de Miguel Arraes (PE), cuja relação tende a se agravar, dependendo dos desdobramentos do *affair* Joaquim Francisco (ministro do Interior) e Dorany Sampaio (superintendente da Sudene).

Antipatias — Esse é um dos maiores complicadores do momento, pois Ulysses já se definiu: nessa briga, fica com Arraes. O presidente do PMDB e o ministro Ronaldo Costa Couto estão evitando o agravamento da crise. Sarney gosta de Waldir Pirès, que foi um dos seus melhores ministros, só que o acha "um pouco brizolista".

O presidente, que no início do governo não gostava de seu ministro de Agricultura, Pedro Simon, hoje tem idéia diferente: acha que o governador do Rio Grande do Sul é uma peça-chave no esquema de Ulysses, até porque é um dos políticos de mais bom senso dentro do PMDB.

O encontro de uma hora e meia, no sábado, serviu para quebrar o gelo entre Sarney e Ulysses. Para cicatrizar mais rápido as feridas, evitaram assuntos desagradáveis, como a decisão da convenção e os votos secretos dos ministros. Eles fizeram as pazes por causa de um amigo comum: o ex-ministro Dilson Funaro. Ulysses, na verdade, foi ao Pericumã mais para interceder em favor de Funaro, envolvido no noticiário sobre o inquerito que apura irregularidades na importação de alimentos.